“DESASSADIZAÇÃO” DA SÍRIA: AS TERRÍVEIS LIÇÕES DA “DESSADDAMIZAÇÃO” IRAQUIANA

*Por Myriam Benraad**



Imagem gerada por inteligência artificial.

A “desassadização” da Síria é comparável à “dessaddamização” que atingiu o Iraque em 2003, conduzindo a represálias indiscriminadas contra estruturas do Estado, grupos específicos e mesmo populações inteiras.

Como muitos analistas experientes alertaram, desde a descoberta dos jihadistas da Organização de Libertação do Levante (HTS, *Hay'at Tahrir al-Sham*) e seus aliados na cidade de Aleppo no final de novembro de 2024: a euforia de uma “*libertação*” da Síria por estes homens foi um tanto excessiva e prematura. Não é de surpreender que a calma na Síria tenha durado pouco. Afirmemos desde já que a própria noção de libertação levantava sérias questões quanto à sua substância, no que diz respeito a uma conquista territorial e a uma tomada de poder levada a cabo pelas armas, que quase não se preocuparam com qualquer consulta à população civil.

Depois houve estas numerosas cenas de saques e vandalismo largamente ignoradas pela cobertura midiática dominante do conflito[1]. Estas ações são agora seguidas pela perseguição daqueles que são leais ao regime de Bashar al-Assad e das milícias a ele afiliadas pelos novos senhores de Damasco. Na maioria dos casos, tal perseguição significa um ataque indiscriminado contra as minorias e a

[1] *No início de dezembro de 2024, dezenas de sírios filmaram-se no palácio presidencial em pleno saque. Desertos, outros edifícios e locais, não necessariamente relacionados com o regime, também foram vandalizados e por vezes até incendiados.*

comunidade alauíta de onde Assad provém[2]. Vídeos de abusos contra civis multiplicaram-se nas redes sociais. Todos questionam a promessa feita durante os primeiros dias da transição por Ahmed al-Charaa – pelo seu nome de guerra Abu Mohammed al-Joulani – de uma Síria livre de vingança.

Este artigo analisa a questão da "*desassadização*" da Síria, comparando-a com a "*dessaddamização*" que atingiu o Iraque em 2003, também chamada de "*desbaathificação*". Certamente, a analogia histórica tem seus limites, pois os contextos são muito diferentes. Mas a experiência iraquiana deixou lições sobre os riscos induzidos por uma purga indiscriminada quando conduz a represálias indiscriminadas que recaem sobre todas as antigas estruturas e esferas do Estado, sobre grupos específicos, ou mesmo sobre toda a comunidade.

No Iraque, os homens que foram executados ou presos, como é o caso hoje nos redutos que permanecem leais a Assad, produziram na sua esteira uma resistência ainda mais violenta à nova ordem política. O tratamento brutal de simples civis alauítas criticados pelos islamitas, abusados, desumanizados como "*porcos*" e "*cães*", enquanto a maioria não tinha qualquer ligação com o regime baathista, não é um bom presságio para uma transição suave na Síria. Os alauítas que ousaram expressar sua raiva em reação às ações de Charaa e seus parceiros viram-se virulentamente reprimidos e dispersos.

"DESASSADIZAÇÃO" PELO PRISMA DA "DESSADDAMIZAÇÃO"

O objetivo de uma "*dessaddamização*" do Iraque tinha sido sublinhado já em 2002 pelo antigo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros dos EUA, Colin Powell, e foi imediatamente sujeito a uma controvérsia sustentada sobre o que iria realmente conseguir quando o regime iraquiano fosse derrubado[3]. O que pretendíamos conseguir, de fato, por trás deste grande projeto de purga do aparelho de Estado iraquiano e todas as suas instituições? Quem eram exatamente estes membros do partido Baath que se enquadravam no âmbito desta política e do que exatamente foram acusados, e com que fundamentos?

Muito rapidamente, de uma "*dessaddamização*" restritiva, a abordagem mudou para uma "*desbaathificação*" extensa, cujos efeitos ainda hoje se fazem sentir. Não sem ironia, a *desbaathificação* seria imposta pela força, da mesma forma que Saddam Hussein forçou a *baathificação* do Iraque em grande escala a partir de 1968, e depois durante todos os seus anos de ditame autoritário, suprimindo todos aqueles que se opunham a ela[4]. Também uma *desassadização* da Síria poderia resultar fatalmente numa lógica semelhante que, em última análise, apenas substituiria um poder tirânico derrotado por uma nova ordem ditatorial.

---

[2] *Desde a fuga do antigo ditador, esta comunidade apoiada pelo xiismo, cujos santuários foram destruídos pelos jihadistas, sente-se traída. Este sentimento é compartilhado por grande parte dos cristãos da Síria e por todos aqueles que não queriam o advento do poder islâmico em Damasco.*

[3] *David Corn, "*De-Saddamization, Not Disarmament*", The Nation, 18 de setembro de 2002.*

[4] *Ver Aaron M. Faust,* The Ba'thification of Iraq: Saddam Hussein's Totalitarianism *(Austin: University of Texas Press, 2015).*

Além disso, levanta a questão fundamental do legado deixado pelo antigo regime de Assad, como o de Saddam, mais de 20 anos antes dele. Desde a fuga do ditador deposto, constatamos que não houve qualquer menção por parte de Charaa a qualquer consulta à população síria sobre o caminho que a atual transição deveria tomar. Acrescentemos que os analistas conhecem a complexidade de tal empreendimento, que neste caso envolve uma memória coletiva fragmentada e não consensual. A perseguição de todos aqueles que o HTS considera responsáveis pelo pesado passado baathista não vai no sentido de pacificar as fraturas existentes, mas sim no sentido de sua exacerbação.

Idealmente, isso implicaria o compromisso de estabelecer as responsabilidades de cada pessoa de forma civilizada, o que não parece ser o caso frente à evolução no terreno, longe da representação idílica que até agora tem sido veiculada pelos meios de comunicação tradicionais. Por que, além disso, "*ideologizar*" atos criminosos que não foram cometidos apenas por membros do partido Baath, mas por toda uma constelação de atores de violência a quem Charaa e seus pares, embora entusiasmados com sua vitória – militar acima de tudo e menos política – pertencem em primeiro lugar?

Todos se lembram que o decreto de *desbaathificação* do Iraque em 2003 estava, no que diz respeito às modalidades da sua aplicação, fundamentalmente ligado à personalidade de Ahmad al-Chalabi que, tal como Charaa e tantos outros na Síria, pretendia combater os primeiros círculos do regime Baath e aqueles que considerou culpados, sem, no entanto, apresentar provas em muitos casos. Em um momento em que quase 30 mil funcionários e soldados iraquianos já tinham sido demitidos, em um contexto de instabilidade crescente que em breve culminaria no caos, Chalabi persistiu numa sucessão de falsas alegações e em uma caçada humana a todos.

Durante este período, continuou a apelar aos seus concidadãos "*para não esquecerem a história sangrenta dos líderes do Partido Baath e não estenderem a mão da reconciliação àqueles que participaram nos crimes das valas comuns, no assassinato e para a perseguição do [nosso] povo*", eliminando assim permanentemente qualquer perspectiva de harmonia nacional[5]. Pior: Chalabi acabou por ameaçar todos aqueles que se recusaram a ajudá-lo na identificação e localização destes famosos "ex-baathistas", categoria que se tornou muito conveniente ao longo do tempo, o que ampliou ainda mais a violência contra as autoridades de transição que tentavam com dificuldade em instalar-se em Bagdá e ser aceitas pelo maior número de pessoas possível.

"PRESUNÇÃO DE CULPA" E DESMANTELAMENTO DO ESTADO

Uma certa leitura da era pós-Saddam, levada a cabo então pelo movimento neoconservador, também não está ausente dos acontecimentos que se desenrolam diante dos nossos olhos na Síria pós-Assad. Os falcões endurecidos de Washington pensaram que iriam substituir "*o culto da subjugação e do ódio do*

[5] *Citado pelo diário de língua árabe* Al-Hayat *em 12 de janeiro de 2004.*

Partido Baath"[6] por ideias liberais e democráticas. Esta desconexão da realidade é ainda mais impressionante no caso sírio: como podemos, de fato, esperar que estas ideias ganhem vida através de antigos jihadistas que dificilmente se preocuparam em respeitar a menor propriedade democrática quando assumiram o poder?

Uma *desassadização* da Síria será, sem dúvida, uma desilusão para todos aqueles que a exigem, na medida em que não conduzirá aos resultados esperados – especificamente uma *tabula rasa* na Síria, em grande parte inatingível – nem pacificará um país que, no entanto, tem necessidade de encontrar o bom senso. Mais grave ainda, esta abordagem refere-se à ausência de qualquer estratégia de transição real, tanto política como economicamente. Como poderia a *desassadização* substituir razoavelmente a reconstrução sem derramamento de sangue de um Estado fragmentado por uma guerra sintomaticamente longe de terminar?

Certamente, as circunstâncias do Iraque em 2003 foram muito diferentes das da Síria, mas o mesmo padrão de destruição estatal é observável em ambos os países: foi o fruto monstruoso de anos de conflagrações e sanções relativas ao Iraque, também válido para uma Síria mergulhada em uma guerra civil implacável durante 13 anos e que pagou um preço elevado pelo isolamento internacional que lhe foi imposto.

No Iraque, a *desbaathificação* soou o sinal de morte para a reconstrução de um aparelho de Estado viável e duradouro. Ao expurgar indiscriminadamente todo o partido Ba'ath, a coligação procedeu com base em uma "*presunção de culpa*" que desvendou o que restava de competências tecnocráticas, judiciais, educativas e militares após o embargo, ao privar o Iraque da experiência que tanto necessitava nessa fase delicada de mudança política. É também importante lembrar que, tal como na Síria de Assad, a lealdade ao partido Baath no Iraque constituía uma condição elementar para qualquer acesso ao emprego, especialmente ao emprego público, e para garantir um mínimo de segurança frente a um partido- Leviatã hegemônico que se infiltrou em todas as esferas da sociedade. No entanto, ter ingressado nas fileiras do Baath não significou ter aderido à sua ideologia ou legitimado os abusos e crimes cometidos pelo regime[7].

Este é certamente todo o sentido das manifestações que eclodiram no país alauíta: em Latakia, Jableh, Homs ou Tartus, as populações civis não esperavam ser alvo desta forma pelas novas autoridades, veja-se um toque de recolher obrigatório imposto de forma arbitrária, tal como a comunidade sunita iraquiana foi apanhada de surpresa pela *desbaathificação* que a atingiu na íntegra, sem nuances ou discernimento. Tal como acabaram por perceber uma "*dessunificação*" do Iraque, é seguro apostar que os alvos dos rebeldes islâmicos irão um dia evocar em breve

[6] *Esta é a expressão usada por Meyrav Wurmser, esposa de David Wurmser, conselheiro neoconservador para o Oriente Médio do ex-vice-presidente americano Dick Cheney, em "*Reading, Writing, De-Baathification*", Washington Examiner, 12 de maio de 2003.*

[7] *Myriam Benraad,* Irak, la revanche de l'Histoire. De l'occupation étrangère à l'État islamique*, Paris, Vendémiaire, 2015.*

uma "*desalauização*" da Síria que pretendia institucionalizar sua exclusão, especialmente se a violência continuaria e se espalharia.

Recordemos que Ahmed al-Charaa mencionou a abertura de um diálogo com os elementos mais moderados do regime de Assad, para lhes permitir desempenhar um papel na futura Síria, comprometendo-se, portanto, sem entusiasmo, a manter suas posições de responsabilidade e administrativas cuja competência seria necessária no contexto de transição.

A imagem do antigo primeiro-ministro Mohammed Ghazi al-Jalali, escoltado à força para fora de seu gabinete por vários insurgentes armados, permanece na mente de todos [8]. Também, mais recentemente, do chefe da justiça militar Mohammed Kanjo Hassan, acusado de ter condenado à morte milhares de detidos na prisão de Saydnaya e detido em Khirbet al-Ma'zah depois de batalhas mortais entre sua guarda próxima e os islamitas. Resta agora saber até onde irá esta caçada, se se limitará aos primeiros círculos do regime ou se fracassará em um ciclo vingativo infinito.

"LIBERTAÇÃO", JUSTIÇA PARA O POVO OU PURA VINGANÇA?

Em outras palavras, questiona-se o que esta campanha de purga irá produzir. Estará o coração do Levante condenado, tal como o Iraque, a passar violentamente do sonho da liberdade recuperada para o pesadelo do que constituiria mais uma guerra civil? Paradoxalmente, ao pretender ser "justiça", uma *desassadização* da Síria só poderia reproduzir os excessos do antigo poder, porque atingiria de forma igualmente gratuita e desproporcional um grupo relativamente vago de vítimas através de execuções extrajudiciais, desaparecimentos forçados, tortura e outras graves violações dos direitos humanos.

Também não podemos esquecer quem é Charaa, embora "perdoado" pelos seus padrinhos e já não figurando *de facto* na lista dos terroristas mais procurados do mundo. Ex-veterano da Al-Qaeda no Iraque, esteve diretamente envolvido na prática de numerosas atrocidades e não pode ser exonerado dos atos cometidos por seus homens. Tal como a *dessaddamização* do Iraque antes dela, a *desassadização* da Síria corre o risco de se transformar em um "*cenário apocalíptico*" e de "*cair em coma*", antes de "*morrer uma morte atroz e indescritível*", para citar o intelectual Hazem Saghieh[9].

Sublinhemos que em árabe o empreendimento de *desbaathificação* foi traduzido pelos iraquianos através da fórmula *ijtithath al-Ba'th*, ou seja, a erradicação do Baathismo, regressando assim em um quadro muito menos neutro do que os proponentes queriam apresentar – o de um simples procedimento burocrático – e revelar a existência de intenções muito mais radicais. Em vez de "*libertação*" e "*justiça*" para os iraquianos e o seu sofrimento, dessaddamizar o corpo político e

[8] *Al-Jalali tinha anteriormente apelado à realização de eleições livres e à preservação das instituições públicas para garantir a segurança dos cidadãos, oferecendo ainda seu apoio ao processo de transição.*

[9] "The Life and Death of de-Baathification. Vie et mort de la débaasification", *no dossiê* "L'Irak en perspective", *Revue des mondes nationaux et de la Méditerranée, n° 117-118, 2007, pp. 203-223.*

social equivalia na verdade, para seus arquitetos, a se vingar e saborear a embriaguez desta vingança.

Tal como na Síria, a instabilidade latente favoreceu a multiplicação do acerto de contas interindividual e a execução de verdadeiras vinganças sobre as quais o governo interino não tinha controle. Da parte de alguns curdos, também esperávamos que uma *dessaddamização* do Iraque livrasse o país de sua identidade árabe através do desmantelamento do Exército iraquiano em particular, que constituía um símbolo histórico. Mais uma vez, as consequências que se seguiram, sobretudo o surgimento de uma insurreição sunita armada que posteriormente deu origem ao Estado Islâmico, são amplamente conhecidas e documentadas.

"*Justiça de transição ou simples vingança*"? A questão levantada em 2014 pelo jurista Harith al-Dabbagh em um artigo edificante dedicado à *desbaathificação* encontra grande relevância na atual configuração síria[10]. Al-Dabbagh observava com razão o impacto devastador das medidas implementadas então no Iraque – desde a proibição de dezenas de milhares de tecnocratas e soldados até à purga da administração sem qualquer precaução.

Se os antigos opositores sírios o negam hoje, estão seguindo uma lógica de vingança semelhante e que provavelmente aprofundará ainda mais as divisões e alimentará violentas represálias mútuas. Foi num silêncio ensurdecedor que Charaa tomou nota da violência perpetrada por seus associados contra civis alauítas, bem como outras comunidades. Deveríamos deduzir disto uma carta branca concedida a estes rebeldes ávidos por vingança, por trás da promessa inicial de uma era pós-Assad pacificada?

Publicado no Cf2R.

***Myriam Benraad** é politóloga, professora de relações internacionais na Universidade Internacional Schiller e diretora de pesquisa na CF2R. Ela se formou no Institut d'Études Politiques em 2002, e obteve um doutorado em ciência política pela mesma instituição em 2011, defendendo uma tese em que examinou as experiências sociopolíticas de grupos árabes sunitas iraquianos no contexto da ocupação americana do Iraque. Benraad foi uma das primeiras estudiosas do Estado Islâmico do Iraque e do Levante, registrando seu acúmulo de poder a partir de 2006 e sua centralidade na evolução e reconfigurações de poder que ocorreram no Iraque desde então. Em 2013, se tornou pesquisadora no Institut de Recherches et d'études sur le Monde Arabe et Musulman na França.*

[10] "Débaathification en Irak: justice transitionnelle ou simple vengeance?", *Revue québécoise de droit international, vol. 27, nº 1, 2014, pp. 31-60.*